

# O Desenvolvimento das Estereotípias de Gênero: considerações a partir da brincadeira infantil

Maria de Lima Salum e Morais<sup>1</sup>

Por que um artigo sobre brincadeiras de crianças em uma revista dedicada à juventude? Porque acreditamos que as origens das concepções e vivência dos papéis de gênero podem ser encontradas desde cedo na ontogênese e até mesmo antes do nascimento, durante a gestação, nas expectativas dos adultos a respeito do futuro bebê.

Estudos sobre crianças em todo o mundo, inclusive nas sociedades indígenas, indicam diferenças de gênero nas brincadeiras infantis. Os psicólogos evolucionistas atribuem essas diferenças, em grande parte, a fatores genéticos. Hinde (1987), um dos primeiros teóricos dessa linha de pensamento, afirma que, nas sociedades conhecidas, tanto as “ocidentais urbanizadas” quanto as “tradicionais”, os papéis masculino e feminino divergem, assim como as expectativas em relação a homens e mulheres. O autor ressalta que, ao que tudo indica, essas diferenças teriam sido consolidadas no ambiente de adaptação da espécie humana; ou seja, é possível que o ambiente em que viveram nossos ancestrais tenha dotado homens e mulheres de propensões comportamentais diferentes.

Portanto, é de se esperar que, dadas as diferenças anatômicas, funcionais e hormonais e as influências do ambiente, desde cedo as crianças apresentem diferenças no comportamento em função do sexo. Embora, por um lado, a evidência disponível, extraída de grupos indígenas, induza-nos a pensar que em nosso passado ancestral tenha havido divisão de trabalho entre homens e mulheres (os homens cooperando na caça e as mulheres coletando vegetais e cuidando da prole), é preciso supor que tenha existido também, como hoje, uma extensa sobreposição entre os sexos em muitas características e que os indivíduos sempre tenham usado estratégias alternativas para atingir seus objetivos.

É possível que muitas diferenças entre as preferências de crianças de ambos os sexos já existam ao nascer. Connellan e col. (2000) afirmam que crianças com um dia de vida já demonstravam dimorfismo sexual na percepção de objetos: bebês do sexo masculino mostraram preferência (medida através da duração do olhar) por objetos mecânicos, enquanto as meninas revelaram predileção por faces humanas.

Por outro lado, as concepções de gênero ligam-se a sistemas de crenças na forma de estereótipos e de expectativas codificadas culturalmente (MACCOBY, 1988). Certas características universais, algumas das quais relacionadas com a reprodução, vinculam-se a esses padrões. No entanto, como afirma Maccoby, a variação entre os grupos sociais é extensa: as diferenças de status entre homens e

mulheres podem ser grandes ou pequenas e o conteúdo de estereótipos de gênero e de papéis sexuais varia de uma sociedade para outra. Além disso, o grau em que as pessoas se identificam com os papéis de gênero de sua sociedade também mostra grandes modulações.

Harris (1998) afirma que as interações sociais entre as crianças constituem um meio importante para o desenvolvimento de comportamentos típicos de cada sexo. A autora enfatiza o papel desempenhado por variáveis situacionais, alegando que meninos “não nascem com aversão a trocar fraldas de bonecas e as meninas não nascem com antipatia por caminhões” (p. 279) e que as diferenças entre os sexos aumentam no decorrer da primeira década de vida. Durante os anos formadores da infância, a menina se torna mais parecida com outras meninas e os meninos mais parecidos com seus pares: meninas turbulentas tornam-se menos agitadas e meninos tímidos ficam mais ousados.

Diversos autores constataram que as crianças preferem associar-se a colegas do mesmo sexo. Certamente, a segregação por sexo afeta o desenvolvimento das crianças, canalizando seus interesses e experiências e limitando os tipos de atividades nas quais se envolvem e que, quanto mais elas se expõem aos pares do mesmo sexo, mais seus comportamentos se tornam sexualmente diferenciados.

Muitas das explicações para a escolha por brincar com crianças do mesmo sexo dizem respeito à semelhança das atividades preferidas por elas. Por exemplo, meninos muito ativos procurariam companheiros igualmente ativos: presumivelmente, outros meninos.

É possível examinar as variações nas interações com crianças do mesmo sexo e do sexo oposto sob duas perspectivas: o ponto de vista adotado em relação aos pares do mesmo sexo e o ponto de vista a respeito de colegas do sexo oposto. É provável que a preferência por crianças do mesmo sexo resulte mais de um viés positivo em relação ao mesmo sexo do que de um viés negativo em relação ao sexo oposto.

Outros achados centrais de estudos que enfocaram a segregação sexual e a estereotípia de papéis de gênero na infância dizem respeito à preferência diferencial por brincar em grupos de tamanhos diferentes: as amigas das meninas são mais focalizadas nas díades, enquanto os meninos tendem a formar laços de grupo. Tal constatação

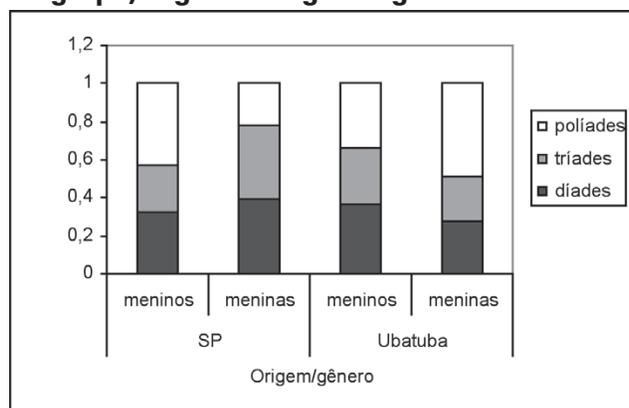
<sup>1</sup>Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e Pesquisadora Científica do Instituto de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Contato: salum@isaude.sp.gov.br

pode dever-se ao fato de que grupos maiores propiciem aos meninos algum grau de anonimato e assegurem que a lealdade ao grupo tenha precedência sobre as relações individuais. Por sua vez, as meninas, com maior tendência à intimidade interacional, prefeririam as relações diádicas, mais próximas e diretas.

Apesar de todas as diferenças comportamentais entre meninos e meninas apontadas acima, há que se considerar que a grande maioria delas são achados relacionados a sociedades européias e norte-americanas e que a diversidade cultural e as especificidades nas configurações dos grupos infantis podem determinar diferentes caminhos para a definição de papéis de gênero. Diante dessas possibilidades, comparamos dois grupos de crianças de quatro a cinco anos de idade com estilos de criação diferentes: um de uma creche universitária de uma metrópole (São Paulo) e outro de uma pré-escola de uma pequena comunidade praiana (Praia de Itamambuca, Ubatuba). Os resultados aqui relatados fazem parte de um estudo maior (MORAIS, 2004), que investigou diferenças culturais e de gênero em brincadeiras e conflitos infantis. Apesar de ser um estudo de um grupo restrito, encontramos interessantes diferenças de gênero, que, pelo tamanho das amostras, não deve ser generalizado para outros grupos dos mesmos locais. A seguir comentamos as principais diferenças encontradas.

Pelos dados apresentados na Figura 1, observamos que as meninas ubatubanas diferiram-se das paulistanas quanto ao tamanho do grupo de brincadeira. De fato, enquanto as meninas paulistanas apresentaram um comportamento mais prototipicamente feminino, de acordo com aquele das metrópoles ocidentais, preferindo brincar em díades e tríades, as escolhas das meninas ubatubanas assemelharam-se em muito a dos meninos, preferindo formar grupos grandes.

**Figura 1 - Proporções dos diferentes tamanhos de grupo, segundo origem e gênero**



Outra diferença importante entre meninos e meninas dos dois grupos deu-se nos tipos de brincadeira preferidos (Tabela 1). Comparando os grupos culturais, constatam-se diferenças principalmente nas brincadeiras de contingência social (em que a ação de uma criança é contingente à de outra), nas brincadeiras de faz-de-conta e nos jogos de regras. Brincadeiras de contingência social foram uma

das prediletas das meninas de Ubatuba. São exemplos destas brincadeiras que, em geral, envolvem contato físico: esconde-esconde, jogos de palmas com letras ritmadas, rodopiar de mãos dadas. Apenas as crianças de Ubatuba se dedicaram a jogos de regras, especialmente tênis de praia e futebol entre os meninos e brincadeiras de roda entre as meninas. As crianças paulistanas superaram as ubatubanas nas brincadeiras de faz-de-conta.

Acreditamos que essas diferenças se devam a aspectos culturais que caracterizam cada grupo. Enquanto em Ubatuba – onde as crianças observadas eram filhas de trabalhadores manuais de uma pequena comunidade –, prevaleceu o contato físico proximal e os jogos de atividade física intensa, em São Paulo – tratando-se de filhos de pais ligados ao ambiente universitário – predominou a simbolização nas brincadeiras. Com efeito, tais características do brincar parecem refletir os estilos de criação das crianças. Como afirma Keller (1998), as culturas mais tradicionais enfatizam as atividades concretas e o raciocínio prático, enquanto as mais globalizadas e dependentes de tecnologias mais sofisticadas favorecem o raciocínio lógico-abstrato.

**Tabela 1 - Porcentagem de tempo gasto nos diversos tipos de brincadeira**

Tipos de brincadeira	Gênero	Ubatuba (%)	São Paulo (%)	Valores de t para diferenças de gên.
Exercício físico	Meninas	19	21	t = 1,780; p = 0,09
	Meninos	38	29	
	Total	28	25	
Construção	Meninas	17	19	t = 1,174; p = 0,25
	Meninos	20	4	
	Total	19	11	
Contingência social	Meninas	15	4	t = 1,858; p = 0,07
	Meninos	2	5	
	Total	9	4	
Brincadeira turbulenta	Meninas	4	3	t = 2,472; p = 0,02
	Meninos	9	14	
	Total	6	9	
Faz-de-conta	Meninas	32	53	t = 0,918; p = 0,37
	Meninos	15	48	
	Total	25	51	
Jogos de regras	Meninas	13	0	t = 0,028; p = 0,97
	Meninos	16	0	
	Total	14	0	

Quanto às diferenças de gênero, observamos que os meninos tenderam a dedicar-se mais a brincadeiras de exercício físico e envolveram-se significativamente mais em brincadeiras turbulentas (que também envolvem atividade física intensa, simulando agressão), enquanto as meninas tenderam a participar mais de brincadeiras de contingência social, o que está de acordo com dados da literatura mundial, os quais indicam que meninos preferem atividades externas, são mais agitados e movimentam-se mais, ao passo que as meninas preferem atividades internas e mais tranquilas, harmoniosas e organizadas.

A propósito do brincar de faz-de-conta, a Tabela 2 indica as principais diferenças de gênero nesse tipo de brincadeira. Verifica-se claramente que as meninas dedicam-se mais a atividades de cuidados com o outro (brincar de cuidar das bonecas, das ‘filhas’), enquanto os meninos representam mais temas fantásticos. Nesse particular, pesquisas de todo o mundo mostram a mesma tendência, embora, nas sociedades indígenas, os temas fantásticos sejam menos comuns, uma vez que, nas sociedades ocidentais, são favorecidos pela exposição à mídia, que, na narrativa histórias de heróis, preenchem o desejo de empoderamento dos meninos, principalmente.

**Tabela 2 - Média de conteúdos de faz-de-conta de acordo com o grupo cultural e gênero**

Temas	São Paulo	Ubatuba	Meninos	Meninas
	Média	Média	Média	Média
Cuidados com o outro	.21 <sub>a</sub> *	.06 <sub>b</sub>	.00 <sub>a</sub>	.27 <sub>b</sub>
Atividades de vida diária	.12 <sub>a</sub>	.12 <sub>a</sub>	.04 <sub>a</sub>	.21 <sub>b</sub>
Fantásticos	.13 <sub>a</sub>	.00 <sub>b</sub>	.11 <sub>a</sub>	.03 <sub>a</sub>
Luta, perseguição e fuga	.35 <sub>a</sub>	.10 <sub>b</sub>	.33 <sub>a</sub>	.12 <sub>b</sub>
Atividades de animais	.00 <sub>a</sub>	.32 <sub>b</sub>	.14 <sub>a</sub>	.19 <sub>a</sub>

\*Letras diferentes indicam diferenças estatisticamente significativas ( $p < 0,05$ ) (apud MORAIS e OTTA, 2003).

Os dados apresentados neste trabalho dizem respeito a um pequeno número de crianças, mas confirmam, em parte, alguns achados de estudos em outras partes do mundo.

Até que ponto se pode afirmar que algumas diferenças de gênero, existentes desde cedo no desenvolvimento humano, devem-se a fatores genéticos ou socioambientais? Esta é uma questão altamente polêmica. Defensores de teorias organicistas, biologizantes, defendem a grande influência de fatores genéticos na determinação do comportamento, ao passo que aqueles que enfatizam a importância de variáveis ambientais tendem a defender a determinação social do comportamento. cremos que o mais adequado é relativizar o peso de influências genéticas e ambientais sobre o desenvolvimento de estereótipos de gênero e pontuar a importância de pesquisas interculturais que levem em conta as condições de criação das crianças em diferentes meios.

Um fato notório na presente pesquisa, que fala a favor das influências culturais sobre o desenvolvimento infantil, é a diferença de comportamento entre as meninas ubatubanas e as paulistanas. As meninas de Ubatuba tenderam a brincar em grupos grandes e a se envolver em atividades movimentadas, o que normalmente é atribuído aos meninos na literatura euro-americana. Pode-se supor que tais características advenham de um ambiente natural rico, de um grande espaço físico e de liberdade

para brincar. Além disso, as meninas ubatubanas envolveram-se mais em brincadeiras de contingência social que implicam toque e proximidade física – o que é típico das sociedades tradicionais que enfatizam o contato corporal e não incentivam tanto o desenvolvimento da verbalização, que é altamente estimulada nos estratos socioeconômico-culturais mais altos dos grandes centros urbanos. Nas brincadeiras simbólicas, as meninas dos dois grupos desenvolveram atividades de vida diária, mas, enquanto as meninas de São Paulo brincavam de “dirigir o carro” para levar suas ‘filhas’ ao shopping ou à aula de inglês, as da Ubatuba varriam a casa e faziam pequenas compras no mercadinho para suas ‘mães’.

O comportamento das meninas da pequena comunidade praiana denota, ao contrário do que se esperaria da formatação de uma sociedade tradicional, o reflexo do modelo de uma mulher forte, assertiva, dominadora, que enfrenta as lutas diárias e os conflitos cotidianos ombro a ombro com seus pares do sexo masculino, ao passo que o grupo paulistano observado revelou um comportamento muito mais conservador, com as crianças de ambos os sexos mostrando identificação com papéis tradicionais de gênero. Esse achado é um importante ponto para reflexão a respeito da diferença entre discurso e prática. Parece que um discurso de igualdade encontrado no meio universitário pouco se refletiu no grupo de crianças estudado. Lembremos que se, por um lado, a brincadeira infantil revela como são vistos os papéis de gênero na sociedade, o brincar também influencia a apropriação desses papéis por parte das crianças. Parafraçando Harris (1999) – autora de ‘Diga-me com quem anda...’ –, vejamos como brincam as crianças e saberão como se comporta a sociedade em relação aos papéis de gênero.

### Referências Bibliográficas

- CONNELLAN, H.; BARON-COHEN, S.; WHEELWRIGHT, S. et al. Sex differences in human neonatal social perception. **Infant Behavior and Development**, v.23, p.113-118, 2000.
- HARRIS, J. R. **Diga-me com quem anda...** Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
- HINDE, R. A. **Individuals, relationships and culture: links between ethiology and social sciences**. Cambridge, UK: Cambridge University, 1987.
- KELLER, H. Diferentes caminhos de socialização até a adolescência. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento**, v. 8, p.1-14, 1998.
- MACCOBY, E. E. Gender as a social category. **Developmental Psychology**, v. 24, p. 755-765, 1988.
- MORAIS, M.L.S. **Conflitos e(m) brincadeiras infantis: diferenças culturais e de gênero**. 2004. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- MORAIS, M. L. S. & OTTA, E. Pretend play in two Brazilian communities. In: ANNUAL MEETING OF JEAN PAIGET SOCIETY. PLAY AND DEVELOPMENT, 33, Chicago, Ill., 2003. **Anais**, Chicago, Ill., 2003, p. 50.